

# Necessidades Especiais de Educação

## O Fisioterapeuta em Contexto Escolar



 Direção-Geral da Educação



Gerir, Conhecer e Intervir



## **Ficha Técnica**

### **Título**

Necessidades Especiais de Educação  
O Fisioterapeuta em Contexto Escolar

### **Editor**

DGE - Direção-Geral da Educação  
Direção de Serviços de Educação Especial e de Apoios Socioeducativos

### **Autoria**

CRPG - Centro de Reabilitação Profissional de Gaia

### **Equipa de trabalho**

Jerónimo Sousa (coord.)  
Isabel Costa (coord.)  
Andreia Mota  
Diana Lisboa  
Pedro Quintas  
Sandra Ferreira  
Sérgio Fabela

### **Colaboração**

Associação do Porto de Paralisia Cerebral - Centro de Recursos para a Inclusão

### **Design da Capa**

Isabel Espinheira / Direção-Geral da Educação

### **Impressão**

Editora CERCICA  
Rua Principal 320-320A, Livramento  
2765-383 Estoril

### **ISBN**

978-972-742-391-0

### **Depósito Legal**

399784/15

2015

*Para facilitar a leitura, e apenas quando não é possível adotar linguagem neutra, são utilizados certos termos no masculino para designar, indistintamente, os géneros feminino e masculino.*

## ENQUADRAMENTO

Os Centros de Recursos para a Inclusão (CRI) são reconhecidos como um pilar essencial para a implementação do modelo de educação inclusiva dos alunos com Necessidades Especiais de Educação (NEE)<sup>1</sup>. Suportando a sua ação, os CRI dispõem de equipas técnicas constituídas por fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas da fala e terapeutas ocupacionais, entre outros.

Sendo inquestionável o modelo de educação inclusiva, bem como a importância dos CRI, coloca-se então aos seus profissionais a questão-chave sobre o modo de **organizar e operacionalizar as suas práticas** assegurando uma colaboração alinhada com esse modelo.

Com esta brochura pretende-se clarificar o papel do fisioterapeuta enquanto profissional que integra a equipa pedagógica e de apoio ao aluno.

Neste âmbito, a **abordagem é centrada no aluno e na interação entre este e os ambientes nos quais participa**, visando otimizar o seu potencial de aprendizagem e o seu desenvolvimento integral, promovendo a inclusão.



Fig. 1. Adaptação do Modelo de Bronfenbrenner<sup>2</sup> à interação do aluno com os contextos, nas suas áreas de ocupação

## O FISIOTERAPEUTA

O fisioterapeuta, enquanto profissional interveniente no apoio educativo, desenvolve uma atividade diferente do fisioterapeuta em contexto clínico, complementando-a.

*“ (...) centra-se na análise e avaliação do movimento e da postura, baseadas na estrutura e função do corpo, utilizando modalidades educativas e terapêuticas específicas, com base, essencialmente, no movimento, nas terapias manipulativas e em meios físicos e naturais, com a finalidade de promoção da saúde e prevenção da doença, da deficiência, de incapacidade e da inadaptação e de tratar, habilitar ou reabilitar indivíduos com disfunções de natureza física, mental, de desenvolvimento ou outras, incluindo a dor, com o objetivo de os ajudar a atingir a máxima funcionalidade e qualidade de vida.”<sup>3</sup>*

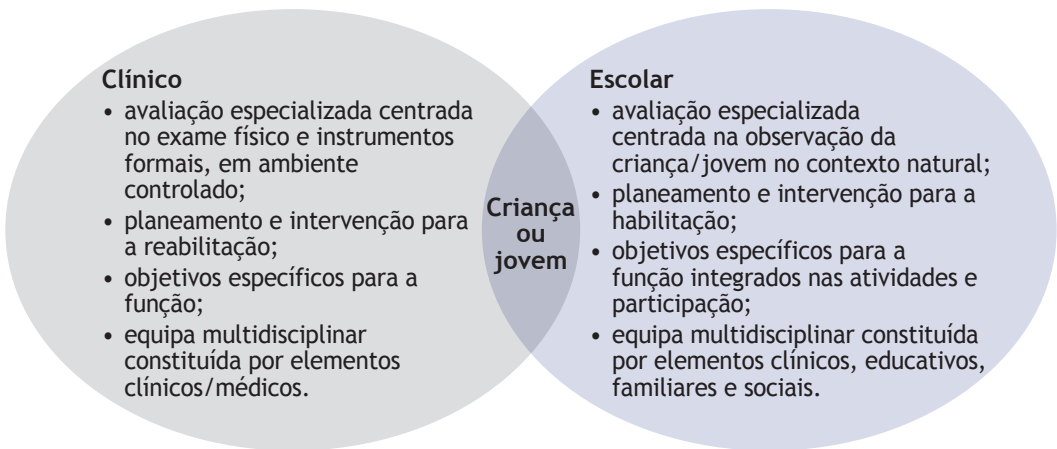


Fig. 2. Complementaridade da intervenção contexto clínico e escolar

A intervenção do fisioterapeuta no contexto escolar tem como principais objetivos:

- Ajudar os alunos a desenvolver habilidades que aumentem a sua participação ativa e independente no ambiente escolar;
- Capacitar as equipas educativas para as particularidades de crianças e jovens com alterações neuromotoras;
- Modificar os contextos, tornando-os acessíveis e funcionais.<sup>4</sup>

**Todo o trabalho do fisioterapeuta, na escola e com os alunos, deve ser educacionalmente relevante.<sup>4</sup>**

## O CONTRIBUTO DO FISIOTERAPEUTA NAS FASES DE AVALIAÇÃO, PLANEAMENTO E INTERVENÇÃO

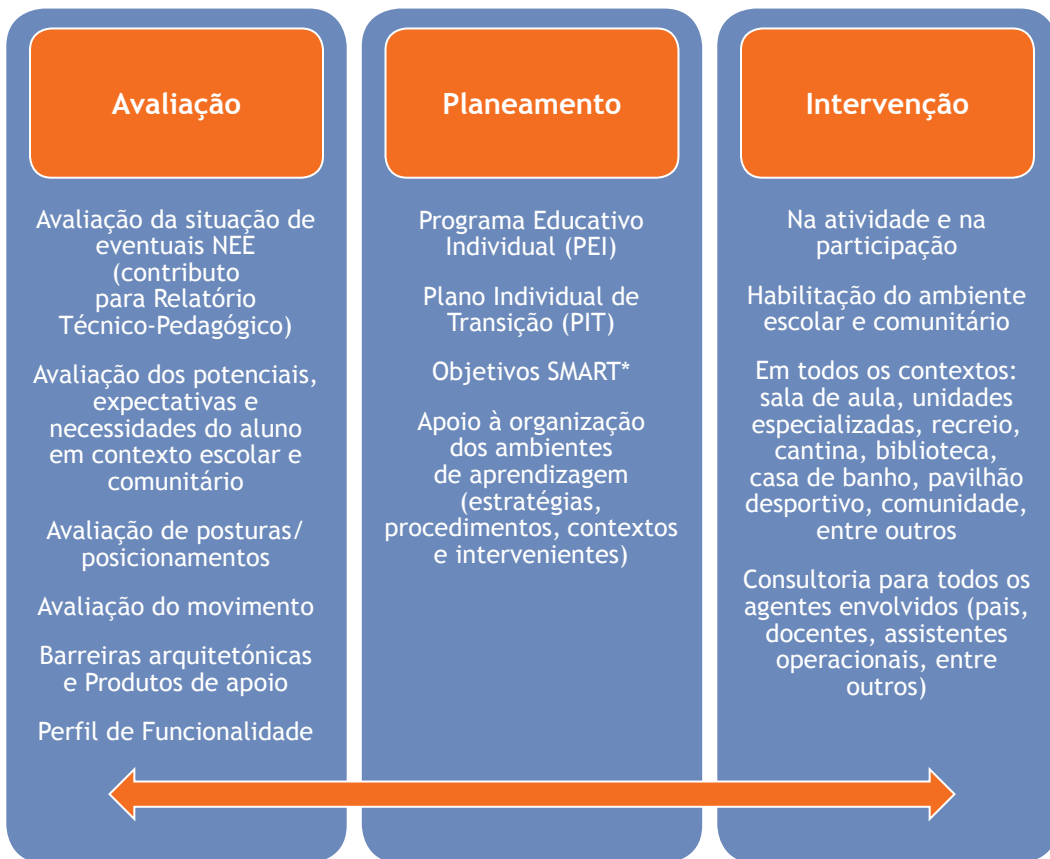


Fig. 3. Processo de participação do Fisioterapeuta em contexto escolar

\*Objetivos Específicos, Mensuráveis, Alcançáveis, Realistas, Temporais

A avaliação e intervenção nos reais contextos de vida asseguram uma melhor **compreensão das potencialidades do aluno**, a **generalização das aprendizagens**, **eliminação de barreiras**, bem como a **universalidade das estratégias facilitadoras** ao nível de:

|                      |                             |                       |  |                               |
|----------------------|-----------------------------|-----------------------|--|-------------------------------|
| Transferências       | Posicionamentos             | Correção postural     | Facilitação do movimento para as mudanças de posição | Facilitação da marcha         |
| Treino de equilíbrio | Modelação do tónus muscular | Mobilização articular | Alongamentos musculares                              | Fisioterapia no meio aquático |

## TRABALHO EM EQUIPA

Sob um paradigma inclusivo que prevê a igualdade de oportunidades, preconiza-se o trabalho em equipa onde todos os intervenientes, na sua especificidade, se complementam de forma a desenvolver uma perspetiva holística do aluno e a delinear e implementar abordagens e metas comuns.

O aluno fará parte desta equipa, sempre que possível, envolvendo-se na definição de objetivos e de estratégias.<sup>4, 5</sup>

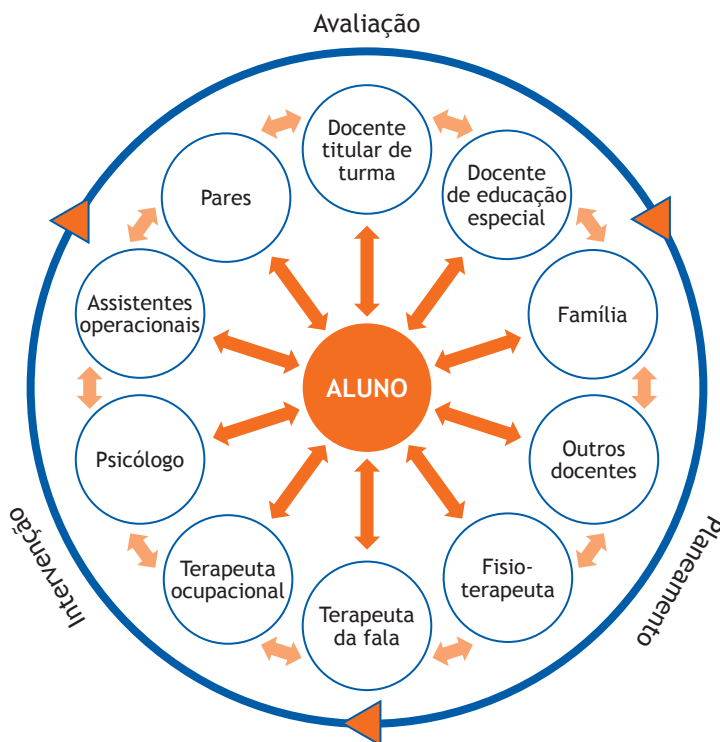


Fig. 4. Modelo colaborativo<sup>6</sup>

### Exemplo

Em conjunto com a equipa educativa fica definido que é relevante aumentar a autonomia do aluno para melhorar o seu desempenho. Por isso estabelece-se que, sempre que o aluno necessita de utilizar a casa de banho e quando é transferido para a sanita, deve colaborar, mantendo a posição de pé.

### Procedimentos/estratégias:

- Colocar a cadeira de rodas perpendicular à sanita;
- Pedir a colaboração do aluno para se segurar nas barras laterais da sanita;
- Realizar uma pega pélvica;
- Manter o correto alinhamento dos membros inferiores.

### Resultados:

- Aumentar a autonomia no acesso à casa de banho, aplicável a outros contextos, através da aquisição de maior resistência para assumir a posição de pé.

## MODALIDADES DE INTERVENÇÃO

Os alunos com NEE que apresentam alterações neuro-motoras enfrentam um ambiente exigente na escola, deparando-se com barreiras à sua participação.

Desta forma, é importante que a intervenção seja adequada a todas as rotinas e contextos em que o aluno está inserido, passando a definição dos objetivos pela habilitação para a função e a participação.

A intervenção do fisioterapeuta em contexto escolar poderá ser desenvolvida em três modalidades distintas: apoio de consultoria, apoio em grupo e apoio individual.

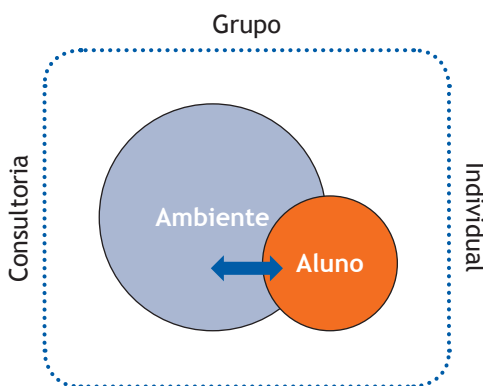


Fig. 5. Modalidades de intervenção da equipe interdisciplinar no contexto escolar



## Modalidades de intervenção em contexto escolar

|             | Quando?   | Como?   | Onde?   | Exemplos   |
|-------------|---|---|---|--|
| Consultoria | Sempre que o âmbito de atuação passe pelo apoio de retaguarda a pais, pares e profissionais | Trabalho colaborativo com os agentes educativos<br>Estratégias formais e informais: reuniões, ações de formação, conversas informais, contactos telefónicos e por <i>e-mail</i> | Em sala de reuniões/ formação e nos restantes contextos escolares, entre outros         | Levantamento de necessidades acerca de estratégias de posicionamento e transferências;<br>Ações de formação sobre posicionamentos.   |
| Grupo       | Sempre que o desenvolvimento das competências passe pelo contributo dos pares               | Dinâmicas de grupo<br>Dinâmica de pares/ tutoria  | Sala de aula, recreio, cantina, entre outros  | Durante um jogo com bola, o aluno permanece em pé para jogar com os colegas;<br>No recreio, o aluno desloca-se utilizando o andarilho juntamente com os pares.   |
| Individual  | Apenas para desenvolver competências específicas com o objetivo de serem generalizadas      | Treino de competências motoras: facilitação do movimento, mobilização ativa e passiva, alongamento, sequências de movimento, marcha, posicionamentos, transferências.           | Sala de aula, sala de apoio, recreio, pavilhão desportivo, casa de banho, entre outros. | Alongamento muscular para posterior posicionamento do aluno em <i>standing-frame</i> durante atividade na mesa.<br>Facilitação da sequência de movimento de “sentado” para “de pé” para que o aluno seja capaz de participar ativamente em atividades que envolvam esta sequência de movimentos. |

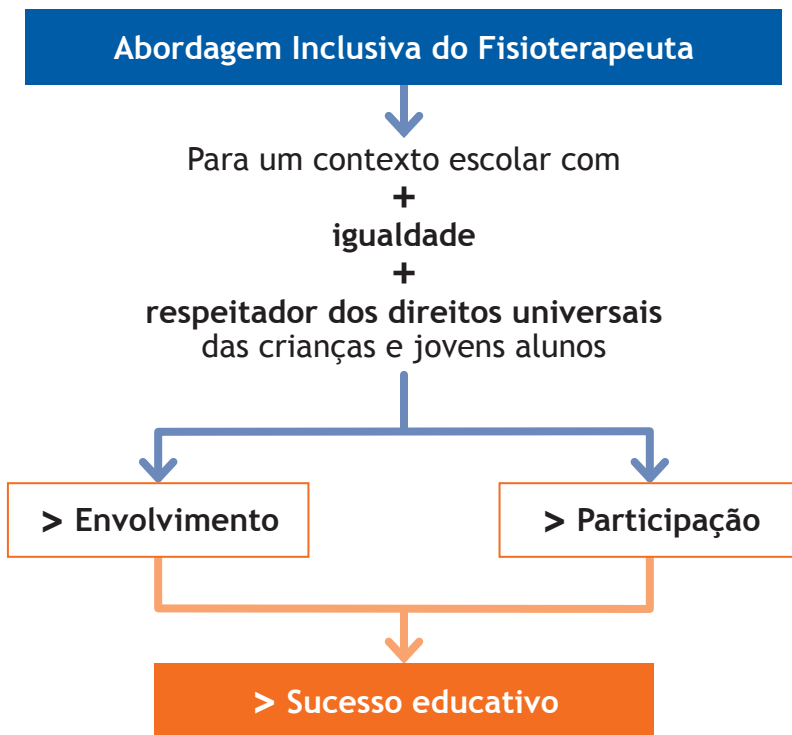
Fig. 6 Modalidades de intervenção do fisioterapeuta em contexto escolar

### Exemplo

O fisioterapeuta facilita os movimentos para a participação do aluno na atividade “bons dias”.

- **Apoio de Consultoria:** resposta às solicitações da restante equipa pedagógica face às dificuldades em realizar a transferência para incluir o aluno na roda de “bons dias”. Passagem de estratégias para as transferências (pegas a realizar e manipulação) e qual a postura mais adequada para a participação (sentado com as pernas cruzadas e apoio do adulto na retaguarda).
- **Apoio em Grupo:** interação dos colegas para, após aprendizagem da moldagem do movimento aquando da marcação da presença, poderem apoiar a manifestação de bons dias e no apoio prestado para manter a posição, suportando o colega na retaguarda.
- **Apoio Individual:** promoção das competências motoras que melhorem o controlo postural para manter a posição de sentado com as pernas cruzadas.

**Resultados:** Capacitação da equipa pedagógica. Maior integração com os pares. Melhor controlo postural do aluno.



A melhoria contínua do funcionamento da parceria entre os Agrupamentos de Escolas/Escolas e os CRI corresponsabiliza os profissionais no sentido de desenvolverem e registarem práticas baseadas em evidências científicas.

1. Sousa, Jerónimo; Mota, Andreia; Dolgner, Joana; Teixeira, Pedro; Fabela, Sérgio. (2014). *Avaliação das Políticas Públicas - Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais: O Caso dos Centros de Recursos para a Inclusão*. Centro de Reabilitação Profissional de Gaia.
2. Johnson, E. S. (2008). *Ecological Systems and Complexity Theory: toward and alternative model of Accountability in Education*. International Journal of Complexity an Education.
3. Diário da República. (21 de Dezembro de 1999). Decreto-Lei nº 564/99.
4. Bialy, J., Margeson, R., Bowers, D., Piatek, P., Fedorchuck, R., Roberts, Kirner, M. (1999). *Guidelines for Physical Therapy in Educational Settings*. Connecticut: State of Connecticut Department of Education.
5. American Physical Therapy Association. (2004). *Providing Physical Therapy in Schools Under IDEA. Section on Pediatrics*.
6. Friend, M., & Cook, L. (2000). *Interactions: collaboration skills for school professionals*. New York: Addison Wesley Longman.



